

**CONTROVÉRSIAS DA TRADIÇÃO MARXISTA E SERVIÇO SOCIAL****Michael Gonçalves Cordeiro****RESUMO**

Este artigo pretende contribuir com o conhecimento e debate sobre a relação entre Serviço Social e tradição marxista. São feitos apontamentos sobre as controvérsias envolvendo a teoria social de Marx, salientando a heterogeneidade da tradição marxista, o que no texto é conceituado como história interna do marxismo, enquanto que a sua história externa se refere ao embate com outras correntes de pensamento. Destacando os diversos atestados de crise generalizada do marxismo ao longo da sua história, busca-se tratar das controvérsias recentes envolvendo a sua atualidade e validade na explicação das mudanças sociais recentes, além da legitimidade da utopia do socialismo, enquanto parte de uma crise generalizada dos paradigmas explicativos clássicos das Ciências Sociais e da crítica à racionalidade moderna. Este debate é apresentado enquanto discussão de importância para o Serviço Social no avanço crítico do conhecimento da realidade e na defesa do projeto ético-político profissional.

**Palavras-chave:** Tradição marxista; crise do marxismo; crise de paradigmas; utopias; Serviço Social.

55

**ABSTRACT**

This article aims to contribute to the knowledge and debate about the relationship between Social Work and Marxist tradition. Notes are made on the controversies surrounding Marx's social theory, highlighting the heterogeneity of the Marxist tradition, which in the text is conceptualized as an internal history of Marxism, while its external history refers to the clash with other currents of thought. Highlighting the various statements of the generalized crisis of Marxism throughout its history, it seeks to address recent controversies involving its timeliness and validity in explaining recent social changes, in addition to the legitimacy of the utopia of socialism, as part of a generalized crisis of the classic explanatory paradigms of Social Sciences and the critique of modern rationality. This debate is presented as a discussion of importance for Social Work in the critical advance of knowledge of reality and in the defense of the professional ethical-political project.

**Keywords:** Marxist tradition; crisis of marxism; crisis of paradigms; utopias; Social service.

**1. INTRODUÇÃO**

Dado que o Serviço Social se insere na história recente do marxismo, tanto no sentido da apropriação por parte categoria profissional da sua herança teórica e

política, como pela produção de conhecimento a partir destes pressupostos teóricos, além das lutas sociais travadas pela categoria na crítica ao sistema capitalista tendo como base elementos dessa mesma herança (NETTO, 2005; MARTINELLI, 2000; IAMAMOTO, 2004 e 1998), faz-se necessária uma compreensão desta mesma história, seja do marxismo como um todo, desde Marx, seja das especificidades do marxismo na história profissional.

Com isso, neste trabalho busquei salientar a necessidade de um constante retorno crítico ao pensamento marxista e sua história nos dias atuais por parte do Serviço Social, dado que, conforme busquei demonstrar, o momento é de grandes controvérsias em torno do pensamento de Marx e da sua capacidade de analisar o tempo presente e as mudanças contemporâneas, sendo importante a apropriação da categoria profissional destas mesmas controvérsias.

Para isso, me propus a trazer apontamentos quanto às controvérsias envolvendo o pensamento de Marx desde a sua morte, com enfoque nas reiteradas afirmativas de crises do pensamento marxista ao longo da sua história, desaguando no que é tido como sua crise mais recente e que, para alguns, perdura até hoje. Esta última, conforme busquei expor, está envolta em um momento de controvérsias em relação à existência de uma crise de paradigmas nas Ciências Sociais e dos projetos societários da modernidade, tendo como um dos alvos centrais de crítica a própria racionalidade moderna.

56

## **2. CONTROVÉRSIAS EM TORNO DA HERANÇA DE MARX**

Tratar da história do marxismo, apontando o contraditório desenvolvimento da tradição ancorada na teoria social de Marx, pode contribuir na elucidação da importância em retomar a discussão sobre esta tradição, mais especificamente para o Serviço Social, mantendo tal discussão sempre permanente dentro da profissão, enquanto um constante processo de autocrítica e adensamento teórico. Objetivei assim, com a breve contextualização histórica que se segue, demonstrar o caráter geral da necessidade de uma contínua apropriação e retomada a toda extensão do pensamento de Marx e da tradição que se desenvolve com base em sua teoria social, salientando ainda sua importância particular nos dias atuais.

Para análise da história do marxismo, tive como norte teórico as indicações feitas por Perry Anderson, em seu Crise da crise do marxismo (1985), onde afirma que, na

reflexão histórica do marxismo, devemos partir de um ponto de vista duplo, quais sejam: o que Anderson caracteriza como “história interna” do marxismo, ou seja, analisar “os obstáculos, aporias, bloqueios internos da teoria na sua tentativa mesma de se aproximar de uma verdade geral da época” (*Ibid.*, p. 20) e o que posso chamar de sua história externa, ou seja, situar o marxismo “dentro da intrincada trama das lutas de classes nacionais e internacionais que o caracterizam” (*Ibid.*, p. 17), o que implica nos confrontos ideológicos diante das correntes de pensamento que, na concepção marxista, se encontram ao lado da ordem burguesa estabelecida e de seus representantes.

Bruno Latour (2000, p. 95) afirma que “por mais perspicaz que seja a previsão do que farão os leitores e por mais sutil a sua apresentação, por mais engenhosa que seja a escolha do terreno em que se deve pisar e daquele que se deve abandonar”, mesmo assim, “o leitor real, de carne e osso, ainda assim poderá chegar a conclusões diferentes”. E foi exatamente o que se passou com os escritos de Marx. Desde um pouco antes de sua morte, à tradição que se seguiu com base em sua teoria passou por diversas complicações e desafios teóricos – e para além deles -, tendo enfrentado tanto confrontos externos, contra outras correntes de pensamento, como internos, em meio a controvérsias quanto à correta e fidedigna interpretação de suas obras, sendo este último confronto o que Netto (1991, p. 78) chamou de “caráter plurívoco do desenvolvimento do pensamento inspirado em Marx” e abarca em boa medida o que Anderson caracterizou com história interna do marxismo.

Ainda quanto este último aspecto, do desenvolvimento da tradição marxista, em seus diferentes embates e controvérsias internas, cabe recordar das discussões em torno dos “revisionismos”, que notadamente se centrou, logo após a morte de Marx, nas ideias de Eduard Bernstein e Karl Kautsky (ANDERSON, 1986; ANDREUCCI, 1982; FETCHER, 1982; SALVADORI, 1982), ou ainda do característico embate entre Louis Althusser e Edward Thompson (ANDERSON, 1986 e 1985; THOMPSON, 1978). E não há motivos para imaginar que tais controvérsias tenham chegado ao fim e que tenhamos hoje uma homogênea unidade em torno das interpretações da teoria social de Marx, o que salienta a importância do constante retornar à origem direta desta tradição, ou seja, à Marx.

Ademais, é importante pontuar que estas controvérsias, ou mais precisamente, as diferentes apropriações da teoria social de Marx geraram diferentes “marxismos”, como o marxismo-leninismo, um marxismo mais próximo do estruturalismo francês, o

marxismo da Escola de Frankfurt, ou ainda, mais recentemente, fala-se em um neo-marxismo, para citar apenas alguns exemplos, todos mais ou menos diversos, com leituras e apropriações diversas da obra de Marx e da própria tradição marxista.

É importante salientar, por outro lado, os embates e controvérsias com outras correntes de pensamento, mais especificamente o seu resultante, a saber, o que ficou conhecido como crises do marxismo, que envolvem tanto o que chamei de história externa deste último, quanto sua história interna, afinal, como demonstrarei mais adiante, estas crises decorrem exatamente de um suposto atestado de insuficiência dos pressupostos de análise do marxismo. Conforme afirmou Netto (1991, p. 79) “ao longo deste século, o destino da herança de Marx guardou uma curiosa simetria com o destino do capitalismo: suas agonias e funerais foram inúmeras vezes proclamados”. A título de exemplo, a primeira dessas proclamações se deu no início do século XX, que resultou, conforme defende Netto (1991), na errônea generalização de uma “crise do marxismo”, quando se tratava na verdade de uma crise em um certo tipo de marxismo – o marxismo-leninismo -, ou seja, de uma certa interpretação da teoria social de Marx e não propriamente do seu pensamento (NETTO, 1991; PIRES, 2000).

Mas este é apenas um dos marcos das controvérsias envolvendo a herança de Marx, pois conforme atesta Netto (1991, p. 78), “a história da constituição e, sobretudo, do desenvolvimento desta tradição após a morte do seu fundador é uma sequência interminável de auto celebrações e atestados de óbito”. Desta primeira “crise” seguiu-se outras, proclamadas erroneamente ou não, mas que envolviam controvérsias em torno da validade do pensamento de Marx e dos marxistas, ou, o que é o mesmo, da capacidade de compreensão da realidade com base no método adotado por estes e das teorias formuladas a partir deste.

Quanto ao período mais recente da história do marxismo – e assim me aproximo cada vez mais da particularidade do Serviço Social -, Anderson, em 1985 saía na defesa de que o que na época começava a ser apontado como um novo período de crise do marxismo e, como em todas as outras que foram levantadas, da sua perda de validade analítica se comparado a outras correntes de pensamento, era na verdade, novamente, “a crise de um certo marxismo, geograficamente confinado à Europa Latina” (ANDERSON, 1985, p. 51) e não uma crise generalizada ou mesmo que punha em xeque o pensamento de Marx e seu núcleo metodológico. Ao contrário de Anderson, Jeffrey Alexander um ano depois (1986) defende que esta crise recente do

marxismo na verdade se generalizou para outros espaços do globo, notadamente Alemanha e Estados Unidos, não sendo assim tão limitado.

Mas independente da dimensão, quantitativa e qualitativa desta crise recente, é consenso o contexto histórico em que ela emerge. Assim, me propus nas linhas que se seguem - após este breve percurso histórico das crises do marxismo e da caracterização geral das controvérsias envolventes em torno do pensamento de Marx – a expor as controvérsias em torno da questão: o que há de novo na atual afirmação da crise do marxismo? Será só mais uma decretação, como várias vezes já houve, da sua morte (PIRES, 2000)?

### **3. CRISE CONTEMPORÂNEA DO MARXISMO: CRISE DE PARADIGMAS E CRÍTICA À RACIONALIDADE MODERNA**

Há duas dimensões que são correntemente postas quanto à discussão da crise recente do marxismo, as quais são primordiais para sua compreensão e dos desafios postos àqueles que permanecem fiéis à teoria social de Marx: à também controversa discussão quanto à “crise de paradigmas” no interior das Ciências Sociais e os “fracassos” político-econômicos das principais experiências que afirmavam ter como norte político-ideológico o pensamento de Marx. É neste contexto geral em que emerge, real ou não, a crise recente do marxismo e, centralmente, quanto à validade analítica e explicativa de seu método.

Iniciarei com uma breve exposição da primeira dimensão. Octávio Ianni (1990, s.p.) afirma que “desde o término da Segunda Guerra Mundial, e em escala crescente nas décadas posteriores” as Ciências Sociais entraram em um intenso debate sobre as explicações e o objeto de estudo daqueles que se inserem no estudo do social (NETTO, 1986). Estas discussões, é importante pontuar, têm sua imersão “no interior do debate que, imantado pela Física, rebateu na elaboração da chamada Nova Filosofia da Ciência”, tendo como marco importante a publicação da obra de Thomas Kuhn, intitulada “A Estrutura das Revoluções Científicas” (OLIVEIRA, 1995; NETTO, 1986), e a afirmação, nesta obra, de uma crise de paradigmas no interior destas ciências “duras”, que teria se propagado para o campo das Ciências Sociais.

Não me detive aqui na diferença entre ambas as “crises”, das quais Netto (1986) já fez algumas esclarecedoras pontuações. Menos ainda busquei adentrar no debate da existência ou não de uma crise de paradigmas no interior das Ciências Sociais, tema

já largamente discutido na dentro da literatura (ver ALEXANDER, 1986; NETTO, 1986; IANNI, 1990, GUERRA, 2010). Assim, meu enfoque aqui se limita no trato dos elementos do quão essas controvérsias se deram e ainda se dão, buscando seguir o mesmo procedimento que estamos realizando em relação a compreensão das controvérsias em torno do conteúdo da “crise do marxismo”.

O primeiro elemento se refere à afirmativa, por parte dos defensores da existência de uma crise de paradigmas no interior das Ciências Sociais, de que os modelos clássicos de explicação da sociedade estão obsoletos, pois se puderam responder às questões do seu tempo, hoje suas teorias não mais dão conta de explicar a sociedade contemporânea. Conforme pontua Ianni (1990), os defensores da existência da crise defendem que o objeto da sociologia mudou, explicitando as debilidades das explicações clássicas. “Os clássicos - nas palavras de Ianni (1990, s.p.) - estariam apoiados em noções que, se foram cabíveis no passado, já não entendem as peculiaridades do século XX”.

O enfoque das críticas recai sobre as noções totalizantes dos clássicos, “como as de sociedade, comunidade, capitalismo, divisão do trabalho social, consciência coletiva, classe social, consciência de classe, nação, revolução”. O que se critica é exatamente “a abordagem histórica, globalizante ou holística”, preconizando “a sistêmica, estrutural, neofuncionalista” (IANNI, 1990, s.p.) etc., ou seja, “recusa de quaisquer paradigmas que tenham uma vocação totalizadora” (NETTO, 1992, p. 15). Isso porque, segundo defendem tais críticos, estes modelos, “pela generalização e abrangência, pareciam não deixar espaço para o indivíduo ou não serem capazes de dar conta do particular, do concreto, do específico” (PIRES, 2000, s.p.).

Conforme afirma Paula (1991, p. 66), “O moderno, ou a modernidade, estaria hoje em questão. Fala-se no pós-moderno”. Netto (1992, p. 12) diz que este dito pós-moderno em que estaríamos se inserindo se “constitui basicamente na ausência de determinações ontológicas: já não há o real, há discursos sobre o real; já não há uma totalidade da vida social, há fragmentos, recortes, instantes; já não existe mais uma imagem do real, existe um conjunto de imagens do real”. Yolanda Guerra (2010, p. 5), na mesma direção, trata do neorracionalismo, onde neste se dissolve, na compreensão da realidade, “sua perspectiva universalista, exclui a necessidade do conceito, nega a objetividade, obscurece as mediações, e, finalmente, promove a subjetivação das contradições, transformando-as em elementos exógenos ao sistema”, numa “tentativa de reencantar o mundo, vista no misticismo” (PAULA, 1991, p. 66).

O que subsiste agora é uma “valorização do fragmento” (PAULA, 1991, p. 65), um “situacionismo” (NETTO, 1992, p. 12), ou ainda, um “ecletismo das teorias consensualistas, que, em última instância, deságuam no relativismo extremado”, conforme defende Guerra (2010, p. 9).

Em linhas gerais, são estes os elementos que permeiam as discussões em torno da crise nas Ciências Sociais, do ponto de vista de autores com referenciais da teoria social de Marx (para uma outra perspectiva do mesmo processo, ver ALEXANDER, 1986). Os rebatimentos para o marxismo e a afirmação de sua crise são, com isso, óbvios. Quando se fala em crise dos modelos clássicos, se referem igualmente à Marx e aqueles que aderem à sua teoria e modelo explicativo. Assim, para os defensores da crise de paradigmas, conforme explica Pires (2000, s.p.) “o Marxismo estava obsoleto e ultrapassado. Ou seja, a teoria social marxista não era válida para explicar as peculiaridades dessa nova ordem mundial marcada pela globalização, pela revolução tecnológica e etc., bem como para enfrentar os ‘novos’ fenômenos que dela emergem”.

Alexander, por sua vez, argumenta ainda que “o principal impacto da teoria pós-estruturalista nas ciências sociais têm sido a redução da influência da direção marxista na teoria crítica” (1986, s.p.), assim, o paradigma marxista daria lugar a outros modelos explicativos da realidade, mais centrados no indivíduo do que nas estruturas sociais.

Há, assim, um ainda latente debate em torno da relação entre estrutura e sujeito, onde se afirma que o marxismo, por centrar-se nas explicações estruturais, não daria conta da dimensão subjetiva da existência, ou dos fenômenos que tocam mais diretamente a vida dos sujeitos em sua individualidade.

Mas resta ainda um elemento de importância central nestas controvérsias, que faz ligação com à segunda dimensão da afirmação da crise do marxismo, qual seja, o “questionamento da racionalidade na crise da modernidade” (NETTO, 1992, p. 9). Se fala em uma crise cultural e civilizatória em decorrência do “fracasso das promessas da modernidade” (NETTO, 1992, p. 12), quais sejam, de proporcionar “autonomia e liberdade”, sendo que “nenhuma das formas concretas pelas quais este projeto se plasmou”, ou seja, o capitalismo e o socialismo, aproximaram-se de realizar o Projeto da Modernidade. “Ao tentar acabar com a exploração do homem pelo homem – afirma Latour (1994, p. 13) –, o socialismo multiplicou-a indefinidamente”. Mas o capitalismo não saiu assim tão triunfante após a ruína de seu modelo opositor, pois ao “tentar desviar a exploração do homem pelo homem para uma exploração da natureza pelo homem [...] multiplicou indefinidamente as duas” (*Ibid.*, p. 14). Em síntese, “os

socialismos destruíram ao mesmo tempo seus povos e seus ecossistemas, enquanto os do Ocidente setentrional puderam salvar seus povos e algumas de suas paisagens destruindo o resto do mundo e jogando os outros povos na miséria” (*Ibid.*, p. 14).

Se argumenta que a racionalidade que proporciona o maior controle sobre a natureza, levando à emancipação dos indivíduos, trouxe, ao contrário, o caos e a destruição, colocando à sociedade em um estado de crise ambiental. E como resultado destas digressões, conforme afirma Latour (1994, p. 14), “nós, modernos, aparentemente perdemos um pouco de confiança em nós mesmos”.

O marxismo, mais especificamente seu socialismo, se encontra no centro destas críticas, afinal, “certamente, é a mais importante das heranças do moderno” (PAULA, 1991, p. 67). Assim, com a crise do Projeto de Modernidade e, com ela, da racionalidade moderna, se acompanha ainda o “fim das utopias” e das ideologias (PAULA, 1991, p. 65).

E com a crise do socialismo real, se fala na perda de credibilidade do marxismo, pois o desmoronamento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) teria levado consigo “a possibilidade concreta de construção de um novo mundo, de uma nova sociedade” (PIRES, 2000, s.p.), ao menos aquela idealizada por Marx. Alexander (1986, s.p.) introduz ainda que o próprio clima político nos Estados Unidos e na Europa influi para a desvalorização do marxismo e do socialismo: “A maioria dos movimentos sociais radicais se dissolveu, e aos olhos de muitos intelectuais críticos o próprio marxismo perdeu legitimidade moral”.

62

#### **4. CRISE DO MARXISMO E SERVIÇO SOCIAL**

Se tem assim às duas dimensões que influem para e dão base ao postulado de uma atual crise do marxismo, ou de um ou outro “marxismos”. Mas quais os impactos disso para o Serviço Social? A primeira resposta a esta questão é mais óbvia: tendo à tradição marxista um papel hegemônico no interior da profissão, conseqüentemente às controvérsias em relação ao valor do marxismo enquanto modelo de interpretação da realidade e os debates quanto ao projeto de sociedade que decorre dele, afetam diretamente o pensar sobre a profissão, tanto em seus aspectos teórico-metodológicos, como ético-políticos, o que se explicita no fato de que os próprios profissionais do Serviço Social adentraram, conforme demonstramos, nos debates em torno da crise ou não do marxismo, das Ciências Sociais e da modernidade em geral.

Além disso, como busquei demonstrar a existência de uma história interna da tradição que se seguiu do pensamento de Marx, com diversas controvérsias e debates quanto às interpretações de sua teoria, que, inclusive, persistem até os dias atuais. Assim sendo, é plausível e necessário, conforme já exposto, o seu aprofundamento contínuo, tomando conhecimento destas diversas controvérsias existentes em volta deste pensamento. Conforme afirmou Anderson (1985, p. 14), “O que é distintivo no tipo de crítica representada em princípio pelo materialismo histórico é que ele inclui, indivisível e ininterruptamente, autocrítica”. Sendo que, paralelamente a esta concepção, segundo Netto (1986, p. 48). “uma profissão que periodicamente não se repensa, não se questiona, não indaga sobre a sua própria identidade, é uma profissão condenada”. Com a adoção de um referencial teórico (e político), vem com ele sua história e controvérsias, e uma profissão que não apreende esta história se assenta em bases pouco sólidas do ponto de vista teórico (e político).

Ademais, tratar das controvérsias quanto à crise do marxismo possibilita demonstrar que a teoria marxista enfrentou embates externos contínuos ao longo da sua história, estando sempre em uma tensão teórica, política e ideológica com as outras vertentes de pensamento no campo das Ciências Sociais e seus representantes. O primeiro passo para superação de interpretações equivocadas é conhecê-las e observar como foram confrontadas, tendo sempre em vista a “permanente tarefa da crítica identificar com rigor o que permanece ‘vivo’ e o que se torna ‘morto’ no legado de Marx” (NETTO, 1991, p. 84), sendo este um dos propósitos em que o presente trabalho busca impactar. Em síntese, se exige “um profissional competente: competente teoricamente (que conheça as grandes matrizes das ciências sociais e a teoria social de Marx)” (NETTO, 1991, p. 93).

Por fim, independente destas controvérsias sobre a mais recente crise do marxismo, ou de certos tipos de marxismo, é patente o desafio posto à tradição marxista. Assim, Anderson, na obra já citada, afirmava que “cada um dos privilégios tradicionais do materialismo histórico defronta-se agora com uma contestação significativa”, dando ênfase para o surgimento do “movimento das mulheres”, mais especificamente ele destaca os “discursos sobre a família e a sexualidade”, que, segundo pontua, “escapam, em grande medida, a todo seu escopo tradicional”. Outros campos em que Anderson aponta desafios giram em torno da demografia, “um campo da história inteiramente virgem” (p. 1985, p. 180) e das “relações internacionais entre – inevitavelmente – países socialistas desigualmente desenvolvidos” (*Ibid.*, p. 206).

Destes desafios poderia hoje acrescentar muitos outros que foram colocados (ver, a título de exemplo, FREASER, 1998) e dos rebatimentos para pensar o que está vivo ou morto no pensamento de Marx e no interior da tradição que se seguiu deste (ver BARON, 2007) e dos desafios postos pela mudança social (ver TONET, 2010; IASI, 2013), dos quais todos envolvem, em maior ou menor medida, os fundamentos teórico-metodológicos desta tradição. Notadamente, cabe destacar aqueles envoltos das questões de gênero, raça e sexualidade, que vem ocupando amplo espaço dentro da pesquisa no Serviço Social, como demonstram as últimas edições da revista Serviço Social & Sociedade, que abordaram as discussões de gênero e raça, com atenção especial para a interface com o marxismo.

Para além destes desafios mais especificamente teóricos, acrescentam-se outros que se inserem num quadro maior de avanço do conservadorismo na América Latina. Onda conservadora (ODILLA, 2018) da qual o Brasil confirmou e deu força nas eleições que ocorreram em outubro de 2018. Um quadro que tem ainda a subida de governos conservadores nos principais países do mundo - notadamente Estados Unidos - e o avanço de grupos e partidos de extrema-direita na Europa.

No interior do Serviço Social, abundam-se as publicações recentes tratando do avanço do conservadorismo e dos rebatimentos à profissão, sendo talvez o tema mais debatido no interior da esquerda atualmente.

Os desafios, portanto, são inúmeros. Se estes novos desafios trarão uma crise generalizada do marxismo, dentro ou fora do Serviço Social, dificilmente alguém pode prever, mas o que é preciso levar em consideração quando se fala de uma crise no interior do marxismo, é exatamente o seu núcleo central, ou seja, sua base metodológica. Conforme formulou Netto (1991, p. 84): “essas ‘crises’ [...] só têm futuro na medida em que se remetem à obra marxiana [...] a remissão a Marx só tem sentido enquanto remissão ao seu modo de tratar o social (isto é, a sua impositação teórico-metodológica e não necessariamente aos resultados a que ele chegou)”.

Quanto ao Serviço Social em específico, aos assistentes sociais se exige, conforme formulava Netto em tempos também conturbados socialmente e de indefinição quanto ao destino teórico e político da profissão, “um rigoroso esforço teórico-crítico” (NETTO, 1991, p. 85). Afinal, conforme o próprio Netto afirmou na época, “somente uma brutal regressão política no país [...] poderia reverter esta tendência”, qual seja, a de consolidação do marxismo enquanto vertente teórico-metodológica e ético-política no interior da profissão, regressão da qual hoje

assistimos, e apesar de o marxismo ter se consolidado, conforme “previa” Netto, não podemos dizer que os tempos atuais são favoráveis política e teoricamente a ele, como já expus brevemente. Me permito dizer que à consideração de Netto de que “os tempos atuais como tempos difíceis para a razão – que enfrenta inimigos à ‘direita’ e à ‘esquerda’” (*Ibid.*, p. 85), permanece atual.

Assim, apesar de o marxismo não ser mais tão desconhecido assim, ao menos não superficialmente em relação a sua história e teoria, à seguinte afirmação feita por Pires permanece, a meu ver, atual, pois independentemente de dever ser o marxismo ou não a vertente hegemônica no interior da profissão, ou, o que é o mesmo, se é a mais apropriada ao fazer profissional, cabe sempre, tanto para os que concordam como para os que criticam, rigor teórico e, com isso, uma volta à Marx e à tradição marxista – tradição esta da qual hoje compartilhamos em grande medida enquanto profissão:

os desafios postos pelo mundo moderno, tanto no plano prático-político como no plano teórico-metodológico, exigem, para sua resolução, um gigantesco esforço teórico-crítico de todos e principalmente dos ‘marxistas’. Esse esforço implica não em um abandono de Marx, mas em uma volta a ele. Isto é, é necessário, principalmente para nós Assistentes Sociais em razão da forma problemática como nos aproximamos e nos apropriamos da Tradição Marxista, que se faça um esforço em conhecer de fato este ilustre desconhecido que é o Marxismo para nós; que se aprofunde o legado de Marx; e que se faça uma apropriação de seu método (PIRES 2000, s.p.).

65

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma fala de 1989, Netto salientava que na interlocução entre Serviço Social e marxismo, a tradição marxista poderia “nos oferecer elementos cruciais para: a) compreender o significado social da profissão [...] b) Iluminar a nossa intervenção profissional [...] Dinamizar a elaboração teórica dos assistentes sociais” (NETTO, 1989, p. 99). Em contrapartida, o Serviço Social poderia proporcionar à tradição marxista indicações de áreas teóricas, de realidades e processos para investigação e a “elaborações e construções teóricas a partir de referências da própria tradição marxista” (*Ibid.* p. 100).

Como cenário desta interlocução e que permanece até o presente momento, temos os conflitos internos e externos da tradição marxista e que devem ser, conforme busquei argumentar ao longo deste trabalho, objeto de análise por parte da categoria profissional, precisando assim está interlocução entre tradição marxista e Serviço Social, principalmente se levando em consideração que o avanço recente da massa

crítica e da materialização do projeto ético-político profissional estão intimamente relacionadas a aproximação cada vez mais profunda à tradição marxista.

Em relação ao projeto ético-político profissional, é importante lembrar, conforme já fora salientado por Netto (2006, p. 1-2), que “na medida em que a teoria social de Marx vincula-se a um projeto revolucionário, a análise e a crítica da sua concepção teórico-metodológica (e não só) estiveram sempre condicionadas às reações que tal projeto despertou e continua despertando”. Assim, conforme busquei pontuar neste artigo, as controvérsias envolvendo a tradição marxista não se reduzem a críticas teóricas, fechadas no campo da discussão acadêmica, mas antes adentram e são frutos de confrontos por projetos societários.

Defender um posicionamento crítico da categoria profissional e o próprio projeto ético-político, passa pelo adensamento teórico quanto às controvérsias envolvendo à tradição marxista, ao passo em que deve se inserir nestas mesmas controvérsias, sobretudo no atual momento histórico em que não apenas a capacidade de analisar a realidade do ponto de vista da totalidade tem sido colocado em questão, mas a própria possibilidade de construção de uma nova ordem societária, sem dominação e exploração (CFESS, 1993).

66

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, J.. O novo movimento teórico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.2, n.4, jun., 1987.

ANDREUCCI, F. A difusão e a vulgarização do marxismo. In: HOBBSAWM, E. *História do marxismo II: o marxismo na época da Segunda Internacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

ANDERSON, P. *A crise da crise do marxismo: introdução a um debate contemporâneo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

ANDERSON, P. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. Porto: Editora Afrontamento, 1976.

BARON, A. *A teoria marxista hoje: Problemas e perspectivas*. Buenos Aires: Editora CLASCSO, 2007.

FETSCHER, I. Bernstein e o desafio à ortodoxia. In: HOBBSAWM, E. *História do marxismo II: o marxismo na época da Segunda Internacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREASER, N. Um futuro para o marxismo. *Novos Rumos*, São Paulo, v. 14, n. 29, 1999.

GUERRA, Y. Modernidade: crise de “paradigmas” ou final do sonho? *Boletín electrónico Perspectiva Latinoamericana*, p. 1-18, 2010. Disponível em: <<http://www.ts.ucr.ac.cr/binarios/pela/pl-000421.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

IAMAMOTO, M. V. *O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional*. São Paulo: Cortez, 1998.

IAMAMOTO, M. V. *Renovação e conservadorismo no Serviço Social: ensaios críticos*. São Paulo: Cortez, 2004.

IANNI, O. A crise dos paradigmas na sociologia. *Cadernos do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*, São Paulo, n. 20, 1990.

IASI, Mauro. O marxismo diante de um novo século. *Revista Praia Vermelha*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 321-624, jul/dez. 2013.

LATOUR, B. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LATOUR, B. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1994.

MARTINELLI, M. L. *Serviço Social: identidade e alienação*. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

NETTO, J. P. Teoria, método e história na formação profissional. *Cadernos ABESS*, São Paulo, n. 1, 1986.

NETTO, J. P. O Serviço Social e a tradição marxista. *Revista Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, v. 10, n. 30, p. 89-102, 1989.

NETTO, J. P. A controvérsia paradigmática nas ciências sociais. *Cadernos ABESS*, São Paulo, n. 5, 1992.

NETTO, J. P. *Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64*. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

NETTO, J. P. Introdução ao método na teoria social. In: *Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais*. Brasília: CFESS/ABEPSS, p. 667-700, 2009.

ODILLA, F. Eleições 2018: por que especialistas veem “onda conservadora” na América Latina após disputa no Brasil. *BBC News Brasil*, Londres, 24 out. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45757856>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

**68**

OLIVEIRA, R. Antropologia e a crise dos modelos explicativos. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 25, n.9, 1995.

PAULA, J. O marxismo e seus rebatimentos no Serviço Social. *Cadernos ABESS*, São Paulo, n. 4, 1991.

PIRES, S. Marxismo: uma sombra jurássica nos dias de hoje? *Serviço Social em Revista*, Londrina, v. 2, n. 2, jan/jun, 2000.

SALVADORI, M. Kautsky entre a ortodoxia e o revisionismo. In: HOBBSAWM, E. *História do marxismo II: o marxismo na época da Segunda Internacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

TONET, I. Marxismo para o século XXI. In: TONET, I. *Em defesa do futuro*. Maceió: Editora Edufal, 2005.

YAZBEK, C. Os fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço Social. In: CFESS (org.) *Serviço Social: Direitos Sociais e Competências Profissionais*. Brasília: CFEEES/ABEPSS, 2009.